

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA  
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ  
ORGANIZADORES

Des  
ign  
em  
pes.  
qui  
sa. vol 4

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA  
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ  
ORGANIZADORES

Des  
ign  
em  
pes.  
qui  
sa. vol 4

Este livro é uma das publicações do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([www.ufrgs.br/iicd](http://www.ufrgs.br/iicd)).

© dos autores – 2021

Projeto gráfico: Melissa Pozatti

---

D457 Design em pesquisa: volume 4 [recurso eletrônico] / organizadores Geísa Gaiger de Oliveira [e] Gustavo Javier Zani Núñez. – Porto Alegre: Marcavisual, 2021.  
720 p. ; digital

ISBN 978-65-89263-33-3

Este livro é uma publicação do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([www.ufrgs.br/iicd](http://www.ufrgs.br/iicd))

1. Design. 2. Gestão do Design. 3. Gestão de Projetos. 4. Educação. 5. Sustentabilidade. 6. Desenvolvimento humano. 7. Saúde. 8. Bem-estar. 9. Tecnologia .10. Emoção. I. Oliveira, Geísa Gaiger de.. II. Núñez, Gustavo Javier Zani.

CDU 658.512.2

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)



**Marcavisaual Editora - Conselho Editorial**

*www.marcavisaual.com.br*

Airton Cattani – Presidente

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Adriane Borda Almeida da Silva

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

Celso Carnos Scaletsky

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Denise Barcellos Pinheiro Machado

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marco Antônio Rotta Teixeira

UEM – Universidade Estadual de Maringá

Maria de Lourdes Zuquim

USP – Universidade de São Paulo

# Capítulo 11

## Engajamento de descendentes de japoneses na cultura japonesa: uma análise baseada nos métodos de *Design Thinking*

Patricia Sanae Tanabe e Paulete Fridman Schwetz

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar as motivações para descendentes de japoneses não participarem das atividades relacionadas à cultura japonesa promovidas pela comunidade e associações de Porto Alegre. A partir de um resgate sobre a migração de grupos étnicos no Rio Grande do Sul, especialmente de japoneses, buscou-se entender como tais grupos adaptaram-se à nova realidade e quais os fatores em comum que viabilizaram a continuidade de práticas e costumes de cada etnia. Para contextualizar sobre as atividades culturais existentes, realizou-se um levantamento com três entidades de Porto Alegre: Associação da Cultura Japonesa, EnkyoSul e Associação Festival do Japão RS. Este trabalho é exploratório, inspirado nos conceitos do *Design Thinking*, e seu escopo restringe-se ao entendimento do problema. Para a coleta de dados, utilizou-se o método qualitativo através de entrevistas em profundidade com um roteiro semiestruturado. Foram entrevistados 10 descendentes de japoneses de Porto Alegre e região metropolitana, dos 17 aos 41 anos. Para a análise, foi possível agrupar 3 perfis de acordo com o nível de identificação com a cultura japonesa e sua motivação em tornar-se mais ativo nas atividades. Entendeu-se que a identificação com a cultura tem relação com a forma como ela foi introduzida pela família, mas que este não é um fator decisivo para que participem mais. Existem, porém, oportunidades não exploradas pelas entidades japonesas, uma vez que um perfil demonstrou interesse em engajar-se mais.

Palavras-chave: *design thinking*, imigração japonesa, descendente japonês, cultura japonesa, identidade, entidades japonesas

### 1 INTRODUÇÃO

O Brasil e, mais especificamente, o Rio Grande do Sul, foi um

cenário de intensos fluxos migratórios, recebendo uma grande variedade de grupos étnicos. Torna-se importante entender, portanto, como as identidades desses imigrantes e de seus descendentes foram se adaptando a seus novos contextos. Busca-se compreender como as identidades se comportam atualmente em um ambiente de miscigenação que resulta, constantemente, em novas etnicidades. Segundo Seyferth (2000, p. 163), podemos entender o termo etnicidade “como expressão de consciência coletiva, [que] tem embasamento no elo representado pela origem nacional, mas se manifesta através das diferenças culturais dele decorrentes”. Sendo assim, parte-se da ideia de que a identidade de um indivíduo ou de um povo pode ter na ascendência em comum um ponto de partida (SEYFERTH, 2000). Percebe-se, nos grupos de imigrantes, a criação de uma etnicidade baseada em sua terra natal, mas adaptada de acordo com o novo ambiente em que se inseriram. Além disso, a convivência, não apenas com os nacionais, aqueles que já ocupavam as terras de destino, mas também com outros grupos de imigrantes acabou reforçando ainda mais a identidade, visto que ela “só existe devido à grande diversidade de culturas [...], como forma de individualizá-las, isto é, identificar cada uma mediante códigos ou símbolos específicos” (BRUM NETO; BEZZ, 2008, p. 140).

Com o intuito de investigar a formação de identidades atreladas aos processos migratórios e o modo como se perpetuaram ao longo do tempo, este trabalho realiza um resgate sobre a imigração de grupos étnicos no Rio Grande do Sul de forma geral e se foca na imigração japonesa. Segundo Brum Neto e Bezz (2008), apesar da imigração japonesa ser de menor representatividade em relação a demais grupos étnicos que colonizaram o Rio Grande do Sul, a sua individualização em um pequeno grupo social preservou seus códigos culturais. Outro fator importante para a manutenção da cultura japonesa foi a formação de colônias e de associações culturais, característica que permeia os processos migratórios de diversos grupos étnicos. As primeiras associações de japoneses serviam como uma forma de gerar cooperação entre os membros de uma colônia (HANDA, 1987). Entende-se, assim, uma relação em que todos saem ganhando, tanto a comunidade quanto o indivíduo. Esses *nihonjinkai*, tra-

duzidos como “associações de japoneses”, foram estabelecidos, no Estado, desde que os primeiros imigrantes japoneses chegaram no porto de Rio Grande (GAUDIOSO, 2016). De acordo com Gaudioso (2016), acredita-se que existam cerca de 18 associações formadas por membros da comunidade japonesa no Rio Grande do Sul, muito embora não exista um levantamento quantitativo formal. Muitas configuram-se como grupos sociais e não estão cadastradas como pessoas jurídicas. Ainda, por ser considerada uma imigração tardia, ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, percebe-se que ainda há um contato próximo entre os imigrantes (*issei* – primeira geração) e os seus descendentes.

Mais de 60 anos se passaram desde a chegada dos primeiros imigrantes ao Rio Grande do Sul e percebe-se que as associações que eles formaram carecem de formas de se manterem ativas, principalmente sob o ponto de vista de atração de novos membros. Desta forma, identifica-se um distanciamento dos descendentes japoneses com sua cultura ancestral. Diante deste panorama, o objetivo principal deste trabalho é procurar identificar a motivação para o engajamento dos descendentes com a cultura japonesa, incluindo as atividades realizadas pela comunidade e entidades de Porto Alegre.

## **2 IMIGRAÇÃO DE GRUPOS ÉTNICOS NO RIO GRANDE DO SUL**

De acordo com Silva (2010), a imigração representa tanto um equilíbrio populacional das nações de onde partiram os imigrantes, quanto um incremento na força de trabalho das nações escolhidas por eles. No Rio Grande do Sul, os defensores dos processos de imigração alegavam que esta era uma possibilidade de desenvolvimento agrícola e utilização de espaços mal aproveitados. Além disso, a produção de itens distintos dos já produzidos nacionalmente acabava baixando o custo de itens antes escassos (SILVA, 2010). A necessidade de ocupação do território pelos imigrantes também tinha a intenção de proteger as fronteiras, sendo esta e a diversificação da economia os fatores que levaram à colonização do Estado por imigrantes agricultores (SEYFERTH, 2000).

Por volta de 1896, a intenção do Estado com os imigrantes era

identificá-los como “colonos”, sendo uma forma de distinguir imigrantes de nacionais. Ser colono significava “ser pequeno proprietário agrícola, fixado à terra, adaptado à nacionalidade, respeitador das leis e das autoridades e [...] ser um produtor de gêneros voltados a ‘avolumar as rendas do Estado’” (SILVA, 2010, p. 44). Para Silva (2010), o termo “colono” acabava possibilitando uma distinção específica do roceiro brasileiro, ao qual havia um estereótipo de ser inferior. Percebe-se, assim, que os imigrantes, mesmo tendo origens étnicas distintas, que causava conflitos entre eles, possuíam, entre si, uma mesma identidade cultural: pessoas estrangeiras que “viviam no interior das colônias reconheciam-se e eram reconhecidos pela sociedade nacional como colonos, da mesma maneira, tinham um modo de viver mais ou menos semelhante” (SILVA, 2010, p. 50), ou seja, diferente do modo de vida dos nacionais. Por identidade cultural, pode-se entender que se trata de “uma classificação, um sentimento de pertencer ou não a um determinado grupo social” (BRUM NETO; BEZZ, 2008, p. 140). Além do pertencimento, a identidade também tem relação com o sentimento de oposição a outros grupos. No caso dos imigrantes, o grupo oposto é o dos nacionais. Para Silva (2010), o imigrante ocupa um papel duplo, pois ao mesmo tempo em que ele está se inserindo em um novo ambiente, ele também é um emigrante, sendo uma presença estrangeira e uma ausência que se encontra no estrangeiro. A situação civil do imigrante podia ser resolvida com a naturalização, que era amplamente reforçada pelo Estado. Apesar disso, para Seyferth (2000, p. 151), “indivíduos étnicos não podiam ser considerados brasileiros - estigmatizados como cidadãos ilegítimos porque não eram nacionais”.

Apesar dos esforços do governo em misturar diferentes etnias em uma mesma região para evitar a criação de nações dentro de uma nação (SILVA, 2010), a falta de auxílio assistencial do Estado “levou os colonos à formação de associações de auxílio-mútuo e à criação de escolas elementares, que depois teriam um papel importante na especificação das peculiaridades étnicas” (SEYFERTH, 2000, p. 148). Além disso, uma vez que “recém migrados” geravam menos benefícios ao governo, ficava a cargo dos colonos mais antigos ou de seus descendentes realizar a tarefa de colonização, uma vez que já estariam mais aptos não somen-

te socialmente, como também financeiramente, a arcar com terras para os novos moradores (SILVA, 2010). A organização dos colonos, somadas à falta de assistência, resultou na criação das colônias, que também podem ser classificadas como espaços étnicos. A colônia é, então, o lugar de determinada comunidade étnica, cuja imagem é a de substituições das florestas pelas “plantações, comércio, escolas, cooperativas, associações, igrejas [...] cidades e indústrias, no curso de um processo histórico de colonização visualizado pela ótica do progresso” (SEYFERTH, 2000, p. 161). Além de serem fruto do pioneirismo dos primeiros imigrantes, as colônias possibilitaram a manutenção de suas identidades. Para Brum Neto e Bezz (2008), os códigos de determinada identidade podem manter-se ou então desaparecer ao longo do tempo, além de haver a possibilidade de serem substituídos ou reformulados. A sua transmissão pode ser feita por meio de festividades, vestimentas, religiosidades, música, entre outros. A manutenção dos costumes tem por finalidade reforçar os laços em relação à terra natal e delimitar a constituição de tais comunidades étnicas que, de acordo com Seyferth (2000, p. 162), “se tornaram mais visíveis através das instituições comunitárias como a imprensa, escola e as associações recreativas e culturais”. Tais entidades tinham o objetivo de manter os costumes e o uso da língua, ensinados pelas famílias dos imigrantes a seus descendentes.

A partir deste breve resgate, é possível perceber as mudanças, não só econômicas e espaciais que o processo migratório proporcionou no Rio Grande do Sul, como também nas questões de identidade que formam o povo gaúcho. A partir de uma oposição identitária entre imigrantes e nacionais, formou-se a concepção do colono. Tal distinção também reforçou a criação das comunidades étnicas, as colônias, que permitiram a manutenção de códigos culturais específicos de cada grupo étnico, permitindo, nas gerações futuras, a criação de uma nova forma de identificação. Para Silva (2010, p. 48), a “ressocialização do imigrante no contexto de colônias, com o passar do tempo, transforma-o (...) e com o passar dos anos ele já não é mais ‘realmente italiano nem inteiramente brasileiro’”.

### 3 IMIGRAÇÃO DE JAPONESES NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

Conforme abordado, a imigração não é um fenômeno exclusivamente motivado por fatores econômicos ou uma busca por melhores condições de vida (SILVA, 2010). Ela é, também, “um fenômeno político, cuja existência envolve, entre outras coisas, as relações e tratados formados e firmados entre diferentes nações e Estados nacionais” (SILVA, 2010, p. 38). O processo migratório, mais que fundamentado em questões raciais (de preferência branca), tinha motivos econômicos e políticos. No Brasil, até o século XIX, pouco se sabia sobre o Japão e vice-versa. Por aqui, a pressão dos fazendeiros de café interessados na mão de obra, fez com que a lei que proibia a entrada de asiáticos no país fosse abolida, possibilitando a entrada também de japoneses. Foi neste contexto, de acordo com Ninomiya (1995), que iniciaram-se as primeiras tratativas para a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão, em Paris, no dia 05 de novembro de 1895. Apesar do nome, o principal interesse do Brasil era a imigração, e não o comércio. Em contrapartida, o Japão precisava aliviar as tensões sociais provocadas pelo aumento populacional que enfrentava (NINOMIYA, 1995).

Foi assim que, em 1908, a bordo do navio Kasato-Maru, um grupo formado por 781 japoneses iniciou a imigração japonesa no Brasil (TANAKA, 2003). Havia resistência à vinda de imigrantes não-brancos, enquanto que para os japoneses esta era uma oportunidade de prosperar e retornar ao Japão. No entanto, as condições de trabalho e moradia encontradas pelos imigrantes eram precárias. Frequentemente havia epidemias e problemas com comunicação. Além disso, os japoneses também tiveram dificuldade em se acostumar com a culinária local (TANAKA, 2003). No entanto, empresas privadas passaram a investir em recrutamento de imigrantes e, em 1917, o Japão criou a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK), uma empresa de recrutamento estatal. Com isso, de acordo com Tanaka (2003), o fluxo migratório se intensificou, e, entre 1924 e 1941, registrou mais de 137 mil entradas. Tanto as empresas privadas quanto a própria KKKK passaram a investir em infra-estrutura para criação de colônias japonesas

que funcionavam como cooperativas, fator que acabou se tornando uma característica da imigração japonesa. Este período pode ser considerado de prosperidade para os imigrantes japoneses (TANAKA, 2003). Nos primeiros anos de imigração japonesa no Brasil, segundo Handa (1987), haviam os chamados “escritórios” em cada colônia de japoneses. Esses locais, inicialmente, serviam como assistência às atividades de colonização, realizando orientação sobre aquisição de terras, por exemplo. No entanto, os escritórios não eram proativos em relação às necessidades da colônia e, a partir daí, os japoneses passaram a se reunir, dando início às suas próprias associações. Durante a Segunda Guerra Mundial, houve uma interrupção no processo migratório, sendo este um período de muita tensão para os imigrantes que já residiam no País.

De acordo com Tanaka (2003), com a assinatura do tratado de paz entre Brasil e Japão, em 1953, as relações diplomáticas entre os dois países são retomadas, iniciando-se, oficialmente, em 1955, a imigração de japoneses no Rio Grande do Sul. A partir de então, segundo Tanaka (2003, p. 40), “as décadas de 60 e 70 são decisivas na fixação e integração definitivas dos japoneses no Brasil”. Após alguns fracassos na tentativa de criar uma colônia no Rio Grande do Sul, em 1967, um núcleo organizado de imigrantes formou a Colônia de Ivoti, município composto de imigrantes alemães, que aceitaram a vinda de japoneses por ambas as culturas terem em comum o capricho e o trabalho (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003). Um ano após, formou-se a Colônia de Itati e, posteriormente, em 1975, a Colônia de Itapuã. Todas as três receberam apoio da Japanese International Cooperation Agency, mais conhecida como Jica (TANAKA, 2003). As colônias possibilitavam o sentimento de segurança nos imigrantes, principalmente nos mais velhos, e mantinham a integração entre as famílias, bem como à cultura de uma forma geral (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003). Além disso, preservavam o uso da língua, uma vez que não era necessário o uso do português. Conforme Santos, Doll e Gaudioso (2003, p.59), pode-se considerar que “o japonês é a língua que os atrela à cultura japonesa e, conseqüentemente, às suas origens e às pessoas mais velhas que representam o elo mais forte com a tradição”.

O que distingue a imigração japonesa no Brasil, em comparação com outros países como o Peru, por exemplo, é a forma como as famílias de imigrantes era composta. Havia “camadas” geracionais, sendo os mais velhos ainda pertencentes à tradição e aos costumes puramente japoneses, por terem sido educados no Japão. Conforme iam se tornando mais novas, as camadas subsequentes passaram a experienciar a cultura brasileira, vivenciando uma dualidade entre as culturas brasileira e japonesa (COTRIM, 2016). Esse convívio entre mais jovens e mais velhos “propicia principalmente a manutenção da cultura japonesa através do exemplo do orgulho da descendência, o respeito aos antepassados e a manutenção da língua e dos costumes” (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003, p. 59). No caso do Rio Grande do Sul, por conta da imigração ter ocorrido apenas no pós-guerra, percebe-se que muitas famílias ainda hoje são compostas com a convivência das gerações.

A partir do resgate a respeito do processo migratório de japoneses no Brasil e, posteriormente, no Rio Grande do Sul, é possível entender, primeiramente, o motivo pelo qual a imigração ocorreu. Após este entendimento, cabe correlacionar alguns aspectos em comum com a imigração de outros grupos étnicos. A necessidade dos imigrantes em manter a cultura materna e perpetuá-la, tanto transmitindo os costumes às novas gerações no seio familiar, quanto através da convivência em colônias e associações culturais, por exemplo, é visível em todas as etnias que passaram por processos migratórios. A cultura e a memória são fatores que fazem com que determinado grupo social se indentifique entre si, por partilhar dos mesmos significados (MORIGI, ALBUQUERQUE; MASSONI, 2013), e mantê-las através da família e da comunidade passa a ser fundamental para a sua perpetuação.

#### **4 REALIDADE DAS ATIVIDADES RELACIONADAS À CULTURA JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL**

Conforme Weber (2011), a imigração faz com que se crie uma segunda cultura, desenvolvida pelos descendentes com base nos costumes originais trazidos pelos imigrantes e transformados a partir da mescla com a cultura local. No que tange aos esforços de continuidade das tradições e costumes da terra na-

tal dos imigrantes, pode-se examinar a importância, não apenas da vida cotidiana, mas também do “reforço dos fluxos contínuos de imigrantes e o incentivo da imprensa étnica, das associações culturais e da igreja” (SEYFERTH, 2000, p. 163). Sendo assim, como forma de compreender como se dá a manutenção da cultura japonesa no Rio Grande do Sul, buscou-se informações nas três principais associações japonesas da cidade de Porto Alegre: Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul – EnkyoSul; Associação da Cultura Japonesa – ACJ; e Associação Festival do Japão do Rio Grande do Sul. Os dados foram obtidos a partir da aplicação de um questionário online, visto que as informações que se buscavam para essa discussão teórica não se encontravam disponíveis em publicações, sites ou redes sociais. Um membro do corpo diretivo de cada entidade foi indicado para responder o questionário.

#### 4.1 Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul - EnkyoSul

Fundada por imigrantes japoneses em 1971, a entidade tem como objetivo colaborar na orientação e fixação dos nipo-brasileiros, facilitando o desenvolvimento e a melhoria social dos seus membros por meio de atividades assistenciais, de caráter social e de higiene. Seu público-alvo é composto por pessoas físicas e jurídicas, radicados no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Atualmente, sua sede está localizada em Porto Alegre, mas a entidade apoia colônias de ambos os estados, atendendo cerca de 300 associados e/ou famílias de imigrantes. Sendo uma das mais antigas entidades do Estado, seu corpo diretivo vem percebendo uma redução no número de associados, visto que boa parte deles é composto por imigrantes e familiares, que acabam envelhecendo e falecendo, sendo este o principal motivo da evasão dos membros. O percentual de pessoas que saem acaba sendo repostado por novos membros, mas a entidade carece de visibilidade em relação às novas gerações. Como forma de mitigar essa realidade, estão sendo realizadas atividades com a finalidade de promover a aproximação dos mais jovens e, como iniciativa de longo prazo, a entidade busca reavaliar o seu objetivo. Por conta do envelhecimento dos associados, o EnkyoSul está se focando em atendê-los, a fim de melhorar a sua qualidade de vida. Ao

mesmo tempo, tem buscado formas de difundir mais os ensinamentos da cultura japonesa entre os mais novos, tanto descendentes de japoneses quanto não descendentes. As atividades são variadas, mas, de acordo com a entidade, o destaque está no jornal *Enkyo News*, que traz informação sobre as atividades da comunidade.

#### 4.2 Associação de Cultura Japonesa- ACJ

Fundada em 2004, com sede em Porto Alegre, a ACJ tem como objetivo principal promover e difundir a língua japonesa, sendo destinada a descendentes de japoneses, bem como simpatizantes da cultura. Como principais atividades, a entidade oferece aulas de língua japonesa e de *mangá* (desenho ao estilo japonês), oficinas culturais e bazares. Cerca de 200 pessoas compõem o quadro de associados, sendo o pagamento de anuidade uma das formas de renda da entidade, além do valor das mensalidades das aulas e a receita com os bazares ou doações. De acordo com a associação, hoje não existe evasão de associados, mas sim inadimplência. A questão econômica é uma preocupação, principalmente por conta dos impactos da pandemia de Covid-19 em 2020 e 2021. Como forma de mitigar a situação, a entidade adequou suas atividades para o modelo à distância e passou a realizar venda de almoço com cardápio em datas específicas, ao estilo *takeaway* (compre e leve), com apoio da diretoria e de voluntários. Como forma de atrair novos membros, a ACJ criou o projeto *Takenoko*, iniciativa que permite o conhecimento e a experiência com a cultura japonesa, através de aulas teóricas e práticas de costumes, dança, vestimenta, culinária, música, entre outros. A entidade não possui, no entanto, um controle sobre o nível de participação dos seus membros. Como plano a longo prazo, busca a renovação do corpo diretivo com a entrada de membros jovens, com o objetivo de se adequar às demandas das novas gerações. Além disso, a entidade busca a sua consolidação como referência na promoção da cultura japonesa.

#### 4.3 Associação Festival do Japão RS

Fundada em 2013 com o intuito de formar um grupo para organizar o evento Festival do Japão RS (sua principal atividade),

a entidade é destinada a pessoas que tenham interesse na cultura japonesa dentro da sua região de atuação, o Rio Grande do Sul. Todos os seus membros trabalham voluntariamente, sendo a principal fonte de renda os patrocínios. A entidade tem, aproximadamente, 40 membros, não sendo todos ativos, por conta da falta de orientações sobre o trabalho que deve ser realizado. Segundo a Associação, a principal causa da evasão de membros é a discordância de opinião. Apesar de constatarem pouca saída de membros, quando ocorre, há uma reposição por novos componentes. Assim como a ACJ, o principal problema enfrentado hoje pela entidade são as indefinições causadas pela pandemia de Covid-19, visto que o evento é originalmente no formato físico. Como contorno a essa dificuldade, a entidade tem produzido atividades online (*lives*), com temas relacionados à cultura japonesa em suas redes sociais, bem como realizou, em 2020, a primeira edição do Festival em formato digital. Em uma visão a longo prazo, o objetivo é tornar o Festival mais profissionalizado. No seu formato físico, o Festival do Japão RS está na 9ª edição, ocorrendo anualmente em agosto, em um final de semana próximo ao dia 18, Dia do Imigrante Japonês. Desde a sua primeira edição, o evento ocorre na Academia de Polícia Militar de Porto Alegre e tem um público médio estimado em 30 mil participantes. Além de apresentações culturais, o evento possui uma área de alimentação, área de bazar e área específica para a venda de produtos da colônia de Ivoti, além de espaço para oficinas, palestras, jogos japoneses, salas de exibição sobre temas da cultura japonesa. Desde a sua primeira edição, em paralelo à programação do Festival, ocorre o evento Anime Buzz, voltado a *anime* (desenho animado japonês), *mangá* (quadrinhos japoneses) e *cosplay* (atividade que consiste em representar personagens).

## 5 MÉTODO

A abordagem deste trabalho se inspira nos conceitos de *design thinking*. De acordo com Brown (2010), enquanto os designers possuem anos de educação e experiência para relacionar as necessidades humanas ao tecnológico e ao economicamente viável, o *design thinking* é o passo posterior, colocando ferramentas nas mãos de pessoas (não designers) de modo que estas pos-

sam solucionar os seus problemas. Sendo assim, o termo *design thinking* vem da ideia de se fazer pensar de acordo com os preceitos do design, sendo aplicável a qualquer organização, e não apenas àquelas preocupadas em criar novos produtos (BROWN, 2010). Especificamente, este trabalho se inspirou no processo de inovação pelo design criado por Kumar (2013). Para o autor, inovações geradas através de design começam por entender pessoas, desenvolver conceitos, e, então, conceber possibilidades de negócios acerca desses conceitos. Saber quando e onde esses processos se conectam é a chave para uma colaboração de sucesso nas organizações (KUMAR, 2013). Cabe enfatizar que o trabalho foi inspirado no *design thinking*, uma vez que nem todas as etapas descritas por Kumar (2013) foram seguidas da forma como estão descritas em sua metodologia.

Podendo ser classificada como uma pesquisa de caráter exploratório, este trabalho busca entender o problema de pesquisa, gerando reflexões quanto ao tema estudado, não fazendo parte de seu escopo a concepção de ofertas implementáveis. De acordo com Bauer e Gaskell (2008, p.18), “uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muitos métodos e muitos dados: um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica”. Dessa forma, para os autores, é essencial que a investigação seja iniciada por uma observação sistemática dos acontecimentos, esta etapa podendo ser correlacionada ao *Sense Intent* da metodologia de Kumar (2013), em que se pretende entender as últimas novidades sobre os temas que podem afetar o problema a ser sanado. Realiza-se o levantamento dos últimos acontecimentos, de forma a se ter uma visão do todo, sem entrar em detalhes. Mapeando as tendências, é possível reavaliar o problema de pesquisa e gerar a sua intenção inicial (KUMAR, 2013). A partir destas observações, foi definido o problema de pesquisa. Como abordagem para a coleta de dados, selecionou-se a qualitativa, visto que esta permite “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 65). Dentre as técnicas de pesquisa, optou-se pela entrevista individual e em profundidade, com o apoio de um roteiro semiestruturado. Tal técnica ajuda a compreender experiências do indivíduo que, de alguma forma, estão relacionadas a um meio social específi-

co, sendo resultado de processos sociais (BAUER; GASKELL, 2008). Esta etapa de coleta de dados pode ser relacionada ao método de *Know People* da metodologia de Kumar (2013). Para o autor, essa etapa visa conhecer as pessoas e suas necessidades ainda não exploradas, com o objetivo de gerar *insights* de valor através das observações. Desse modo, selecionou-se 10 descendentes de japoneses residentes em Porto Alegre e região metropolitana, homens e mulheres, dos 17 aos 41 anos, dos mais diversos níveis de escolaridade e ocupação, tendo todos em comum o distanciamento com a cultura japonesa. As entrevistas foram realizadas durante o período de fevereiro a março de 2021, através de videochamadas gravadas pela plataforma online *Zoom*, com duração média de 20 minutos.

O roteiro semiestruturado utilizado para guiar as entrevistas e garantir que os entrevistados abordassem as mesmas questões é composto por 17 perguntas, separadas em dois blocos. O primeiro bloco, denominado “Identificação com a cultura japonesa”, é constituído por perguntas relacionadas à forma como o entrevistado se identifica em relação à sua ascendência japonesa, bem como a sua relação com essa cultura, sua prática de costumes e hábitos japoneses, e a importância e proximidade com a comunidade japonesa de Porto Alegre. O segundo bloco, intitulado “Entidades Nipo-Brasileiras”, busca entender se o entrevistado tem conhecimento sobre as entidades existentes em Porto Alegre, suas atividades, sua opinião sobre elas, bem como se já havia participado de alguma atividade promovida por elas e se conhecia pessoas que frequentavam tais eventos. Para garantir o anonimato dos entrevistados, estes foram codificados e nomeados conforme a classificação apresentada na Quadro 1.

Quadro 1 – Apresentação da forma de codificação dos entrevistados

<b>Faixa etária</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
15 a 20 anos	H1	M1
21 a 25 anos	H2	M2
26 a 30 anos	H3	M3 / M4
31 a 35 anos	H4	
36 a 40 anos		M5 / M6

Fonte: Desenvolvido pela autora (2021)

Para a análise dos dados, realizou-se o processo de análise do discurso, iniciando pela etapa de codificação, em que é feita “a comparação dos dados, a fim de encontrar atributos comuns, diferenças ou relações entre eles” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 397). Esta etapa deve ser desenvolvida de acordo com as categorias de interesse durante a análise. Dessa forma, todas as entrevistas transcritas foram analisadas de forma a se gerar palavras-chave que permitem a comparação entre si. Após a etapa de codificação, foram identificados os agrupamentos conforme os pontos em comum trazidos pelos entrevistados, como forma de compreender o seu afastamento com a cultura japonesa. Esta etapa se assemelha, na metodologia de Kumar (2013), ao *Frame Insights*, onde se busca estruturar toda a coleta realizada. Para o autor, para gerar múltiplas perspectivas, utiliza-se um mix de métodos que permitem localizar padrões que apontam para oportunidades de mercado ou nichos ainda não explorados (KUMAR, 2013). Cabe ressaltar que este trabalho visa a compreensão do problema e não o apontamento de soluções.

## 6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir das entrevistas realizadas, foi feita uma análise do seu discurso. As falas dos entrevistados, já transcritas e codificadas, foram analisadas de forma a se identificar padrões. A análise empregada é, no entanto, difícil de ser detalhadamente descrita. Conforme Bauer e Gaskell (2008, p. 250), “sempre indefinível, ela nunca pode ser captada por descrições de esquemas de codificação, hipóteses e esquemas analíticos”. Os entrevistados tinham duas características em comum: o fato de serem descendentes de japoneses e não participarem das atividades da comunidade japonesa ou das entidades citadas anteriormente. A partir de outros pontos em comum em suas falas, foi possível categorizar três perfis comportamentais de acordo com a sua identificação com a cultura japonesa e sua motivação para estar mais próximo das atividades. São eles: Perfil 1: os que se identificam com a cultura japonesa, mas sem interesse no engajamento; Perfil 2: os pouco identificados com a cultura japonesa, mas com interesse em se aproximar das atividades; Perfil 3: os que não se identificam com a cultura nem têm interesse em participar das atividades.

Conforme o esquema visual representado na Figura 1, é possível identificar características em comum que cada perfil possui. Em comum entre os três perfis está o fato de nenhum participar ativamente de nenhuma atividade voltada à cultura japonesa. No entanto, como analisado e explorado a seguir, os entrevistados, em sua maioria, já tiveram contato com algumas atividades e essa participação foi motivada pela família. Além disso, foi identificado que os entrevistados não conhecem outros descendentes (que considerem como amigos) que pratiquem hábitos japoneses (à exceção de dois, que citaram conhecer um amigo). Dessa forma, é possível entender que a única referência sobre a cultura japonesa, para os entrevistados, está restrita ao núcleo familiar. Cada um dos perfis foi descrito na Figura 1 para melhor entendimento de suas características. Após o detalhamento de cada perfil, também foi realizada uma análise geral sobre os três perfis, de forma a relacionar os pontos trazidos pelos entrevistados com o referencial teórico abordado neste trabalho.

Figura 1 – Esquema visual que representa as características dos três perfis mapeados



Fonte: Desenvolvido pela autora (2021).

## 6.1 Perfil 1: identificação com a cultura japonesa e pouco interessados no engajamento nas atividades da comunidade

Dos 10 entrevistados, três se classificaram neste perfil: M1, H4 e M5. Todos têm em comum a proximidade com a cultura japonesa no seio familiar, citando hábitos mais cotidianos como a culinária, comer utilizando *hashi* (varetas usadas como talheres), andar descalço em casa, falar termos em japonês como *itadaki-masu* (palavra japonesa utilizada antes de comer) e, também, hábitos como assistir a *doramas* (novelas japonesas), *animes* (desenho animado japonês), filmes japoneses, ler *mangá* (quadrinhos japoneses) e ouvir música *enka* (estilo de música japonesa). A entrevistada M1 comentou que se sente mais próxima da cultura japonesa que da brasileira, pois em casa conversa apenas em japonês, sendo a única que afirmou ter fluência na língua. Percebe-se, dentre todos os demais entrevistados, que estes citaram uma gama maior de hábitos praticados.

A relação próxima dos pais dos entrevistados com a cultura japonesa é o principal fator em comum entre os três e o que os diferencia dos demais. No caso de M1, cujo pai é japonês, houve uma preocupação em lhe ensinar a língua para que ela pudesse optar, no futuro, em viver no Japão. Os pais e a irmã de M5 também estão bastante conectados com a língua e com os costumes japoneses e o mesmo acontece com H4, que afirma que tudo o que pratica hoje é uma reprodução do que seus pais lhe ensinaram. Os entrevistados M1 e H4 relataram ter parentes no Japão com quem conversam de forma recorrente.

Em relação à proximidade com a comunidade japonesa, todos relataram terem pouco contato. No caso de M5, ela tinha mais contato na época que morava em uma cidade no interior do Paraná. Segundo seu relato, a mudança trouxe muitas experiências novas, além do fato de ela ser, frequentemente, a única descendente na escola ou na faculdade. Já no caso de M1, por morar em Viamão e depender dos pais para participar das atividades em Porto Alegre, acabou se distanciando. Dentre os três entrevistados que se enquadram neste perfil, H4 é o que se percebe que poderia estar próximo da comunidade, visto que praticamente todos os seus parentes são ativos nas atividades realizadas. Po-

rém, o entrevistado enfatizou não ter interesse em participar delas por estar trilhando um caminho diferente. A entrevistada M1 demonstrou ser a mais propensa a se envolver com a comunidade e suas atividades, entretanto, por causa da distância, passou a se ocupar com outras atividades e acredita que não teria mais tempo. A partir desse relato, é possível questionar se, ao longo do tempo, essa distância se tornará não somente física, como também afetiva, visto que com o passar do tempo essa abertura em conhecer mais as atividades pode se dissipar. Já para H4 e M5, a distância com a comunidade é algo que já está estabelecido. Conforme a fala de M5, em 20 anos que está em Porto Alegre, nunca sentiu falta de estar próxima, inclusive porque a sua conexão com a cultura japonesa foi mantida em casa, através dos costumes. No que tange às entidades, percebe-se que o conhecimento sobre elas é vago. Eles possuem, entretanto, formas de tomar conhecimento sobre elas através dos parentes. Quanto aos eventos, os mais citados foram o *undoukai* (gincana poliesportiva direcionada à família e às comunidades muito comum no Japão, promovida pelo EnkyoSul) e o Festival do Japão RS.

De forma geral, todos os entrevistados desse perfil estão inseridos em um ambiente familiar que, além de cultivar hábitos japoneses, são ativos na comunidade. Entende-se, no entanto, que este fator, isoladamente, não é capaz de promover o engajamento dos entrevistados nas atividades da comunidade japonesa. Apenas a entrevistada M1 pareceu sentir falta de compreender melhor sua identidade e se encaixar em grupos de outros descendentes, possivelmente por ser mais nova que os entrevistados H4 e M5. Também, não é a falta de conhecimento sobre a ocorrência das atividades que os impede de participarem, visto que todos afirmaram ter algum conhecimento sobre elas e formas de se atualizarem.

## 6.2 Perfil 2: entrevistados com pouca identificação com a cultura japonesa, porém interessados no engajamento nas atividades da comunidade

Dos 10 entrevistados, 5 se enquadram neste perfil: H1, H2, H3, M3 e M4. Todos têm em comum o distanciamento com a cultura japonesa no ambiente familiar e um interesse em se aproximar

da comunidade. Um ponto em comum em suas falas é que todos citam os avós como uma referência da cultura japonesa. Em algumas falas, é possível entender que entre a geração de seus pais e de seus avós, houve uma ruptura na perpetuação de costumes japoneses. É possível notar que eles se referem aos avós através das palavras *batian* e *ditian*, avó e avô, em japonês. Foi comentada, pela entrevistada M4, a dificuldade de comunicação que tinha com sua bisavó, pois esta falava apenas japonês. Ainda, o entrevistado H2 comentou que a decoração da casa dos avós tinha muitos objetos que faziam referência ao Japão, fato que se assemelha à fala de H1, que informou ter o hábito de acender incenso no *hotokesan* (santuário para culto dos ancestrais da religião budista) do avô. Outro ponto bastante citado pelos entrevistados foi a prática da culinária japonesa. Apenas a entrevistada M4 afirmou que sua alimentação é mais “ocidentalizada”. Os demais citaram alguns pratos como *missoshiru* (sopa à base de soja) e *gyoza* (de origem chinesa, mas muito consumido no Japão, uma massa fina selada com recheio de carne ou legumes).

Dos 5 entrevistados classificados neste perfil, apenas 2 citaram ter ao menos um amigo que pratica hábitos da cultura japonesa. Os demais têm pouco contato com outros descendentes. Dois deles, H1 e H2, comentaram, inclusive, terem sofrido *bullying* na época que frequentavam o colégio, sendo esse problema muito atrelado ao fato de serem os únicos descendentes de japoneses em suas escolas. Este fato também acabou os afastando da cultura japonesa, como uma espécie de rejeição. Um ponto importante que cabe destacar sobre os entrevistados deste perfil é que, mesmo tendo um distanciamento natural em relação à cultura japonesa, muitos relatam buscar uma reconexão. Os entrevistados deste perfil sentem necessidade de entender a si mesmos como descendentes de japoneses. O próprio distanciamento em relação à cultura pode ser um fator que os faz sentir necessidade por esse entendimento. Tanto H1 quanto H2 relataram ter frequentado o *undoukai*, mesmo evento citado pelos entrevistados do Perfil 1, durante a infância, o que os marcou muito. Para H1, H2 e M3, a participação aconteceu na infância, motivada pela família. A entrevistada M4 foi a única que não par-

ticipou de nenhum evento. É possível refletir se, caso os entrevistados deste perfil tivessem sido motivados desde a infância até a fase adulta a se integrar à comunidade, eles hoje não estariam mais próximos.

Apesar dos entrevistados considerarem importante a existência das entidades para a manutenção da cultura japonesa, é preciso entender que eles já se encontram distantes e acabam preenchendo suas vidas com outras atividades. Para o entrevistado H3, como não teve essa integração sendo construída desde a infância, sente que estaria forçando uma aproximação caso tentasse se reaproximar agora. Os entrevistados H2 e M3, por outro lado, têm interesse em estarem mais próximos para entender sobre suas origens e identidade. Observa-se que, mesmo existindo interesse pela aproximação com a cultura japonesa, apesar das ressalvas destacadas anteriormente, a informação sobre a existência das atividades pouco chega ao conhecimento dos entrevistados. A internet é o principal meio para a informação chegar. Para M3 e M4, a informação chega indiretamente, a partir do que outros descendentes, mais atuantes nas atividades, postam nas redes sociais.

Os entrevistados do Perfil 2, apesar do distanciamento com a cultura japonesa, buscam se reconectar. Conforme dito pela entrevistada M4, as pessoas as consideram como japonesa, fazendo com que ela se sinta uma “fake” (segundo sua própria expressão), pois aquilo que ela aparenta ser não é o que ela realmente sente que é. Esse ponto causa um desconforto, mas, ao mesmo tempo, a instiga a buscar mais sobre sua identidade. Desse modo, entende-se que o distanciamento com a cultura no ambiente familiar pode gerar uma necessidade de entender mais profundamente as suas origens. Um obstáculo, entretanto, é o preenchimento de seu tempo com outras atividades, que acabam ocupando os entrevistados e os distanciando cada vez mais da comunidade japonesa. Além disso, em todos os casos, percebe-se a falta de conhecimento em relação às atividades da comunidade, fato que pode dificultar ainda mais a sua reconexão.

### 6.3 Perfil 3: entrevistados com pouca identificação com a cultura japonesa e pouco interesse no engajamento nas atividades da comunidade

O último perfil a ser analisado é o daqueles que, além de se identificarem pouco com a cultura japonesa, não têm interesse em se engajar nas atividades da comunidade. Dos dez entrevistados, dois se classificam nesse perfil: M2 e M6. Ambos afirmam ter pouco contato com a cultura, visto que pouco ou nenhum hábito é praticado em casa. No caso de M2, seu pai é japonês e toda a parte paterna da família vive no Japão. Dessa forma, ela não mantém contato com a cultura japonesa. Já no caso de M6, esta citou que seu pai possui pouco contato com a cultura, sendo que o período que teve mais proximidade foi na época em que seus avós (que também chamou de *ditian* e *batian*) eram vivos, há cerca de 15 anos. Cabe citar que, para a entrevistada, suas primas, que moravam na mesma casa que os avós, acabaram tendo muito mais proximidade com a cultura japonesa que ela, aprendendo, inclusive, a falar em japonês. Ambas também citaram que, caso tivessem sido estimuladas na infância a praticar algum hábito, que gostariam de ter aprendido a falar japonês e a frequentar eventos da comunidade. Acreditam que se tivessem sido incentivadas, hoje estariam mais engajadas com as atividades relacionadas à cultura japonesa. Outro ponto em comum no relato das duas entrevistadas é que elas se compararam a outros descendentes. A entrevistada M2 citou que conhece (mesmo que de vista) outros descendentes que são mais engajados que ela. As entrevistadas também não souberam citar alguma entidade japonesa, nem suas atividades. Já M6 citou o *undoukai*, mesmo evento citado por outros entrevistados, e o Festival do Japão rs. O motivo que as levou a participar dessas atividades foi a família, assim como os demais entrevistados dos perfis 1 e 2.

Cabe destacar um comentário relatado por M2 relacionado ao fato de ela não ser filha de pai e mãe japoneses. Segundo ela, ao buscar uma aproximação com outros descendentes, estes questionaram se ela era mestiça, fato que causou estranhamento à entrevistada. Este acontecimento fez com que ela não se sen-

tisse confortável nem bem recebida. Em outros momentos de sua fala, ela comenta que já percebeu que casais compostos de um descendente e outro não descendente são mais “observados” pelos membros da comunidade que um casal de descendentes, por exemplo. Dessa forma, é possível perceber que, para esta entrevistada, a comunidade japonesa ainda é fechada para a miscigenação, o que faz com que se sinta menos acolhida. A entrevistada M6 comentou que, caso tentasse buscar uma aproximação hoje, sentir-se-ia avulsa. Comentário semelhante foi identificado por um entrevistado do Perfil 2, o que permite pressupor a possibilidade da comunidade japonesa poder passar a impressão de ser pouco aberta e receptiva a novos membros que não tenham a sua origem.

Por conta desses relatos, entende-se que as entrevistadas deste perfil já não sentem necessidade em se encaixarem em grupos de descendentes. No caso de M6, por ser a entrevistada mais velha, acredita-se que não venha a buscar uma conexão. Apesar da entrevistada M2 ainda ser jovem, a experiência negativa que teve com a comunidade e o claro desinteresse em participar, percebido através de sua fala, também leva a entender que, provavelmente, não buscará, futuramente, uma participação maior, nem um vínculo com a cultura japonesa. Esse distanciamento pode ter sido influenciado pela inatividade de seus pais em transmitir costumes japoneses, bem como sua ausência nos eventos promovidos pelas entidades. Conseqüentemente, as entrevistadas não conhecem outros descendentes que não sejam a própria família, o que as faz sentir deslocadas caso tentem uma aproximação. A questão da identidade parece estar estabelecida para as entrevistadas, que também não se identificam com outros grupos de descendentes. Outro fator que corrobora a sua falta de engajamento é a falta de conhecimento sobre as atividades. Como comentou a entrevistada M6, quando ela fica sabendo de algum evento, já é muito próximo de acontecer e não consegue se planejar, o que faz com que não participe.

#### 6.4 Análise geral dos três perfis

Independentemente do perfil em que foram classificados, nenhum dos entrevistados é ativo atualmente nas atividades. No

entanto, cabe salientar que eles já frequentaram esses eventos em algum momento de suas vidas, sendo ele, predominantemente, durante a infância, motivados pela família. A família, então, tem papel crucial na integração dos jovens na comunidade. Conforme Seyferth (2000, p. 165 e 166), a família é “a mais importante instituição transmissora dos valores étnicos”. Além da integração com a comunidade, a família tem o papel de ensinar os costumes e, como citado pelos entrevistados, muitos gostariam de ter aprendido a língua japonesa enquanto crianças, afirmando que isso os teria aproximado mais da cultura japonesa. De fato, a única entrevistada que afirmou ter fluência na língua foi a que mais se identificava como japonesa (mais que como brasileira). Para Seyferth (2000, p.168), “a língua é o elemento diferenciador por excelência”. Desse modo, pode-se correlacionar, a partir da fala dos entrevistados, o entendimento da língua japonesa ao sentimento de maior proximidade com a cultura. Embora alguns entrevistados tenham afirmado que seus pais falam, ou, ao menos, compreendem o japonês, estes acabaram não lhes ensinando. Alguns também citaram ter buscado aulas, mas acabaram desistindo. Mesmo assim, boa parte dos entrevistados usou algum termo em japonês em sua fala, demonstrando que possuem conhecimento, mesmo que limitado.

Torna-se importante evidenciar uma oportunidade para as entidades japonesas de Porto Alegre. É possível que aqueles que, desde a infância, tiveram um contato maior com a língua acabem tendo uma identificação maior com a cultura japonesa. Desse modo, caberia focar no público infantil, ou então, nos pais que possuam filhos pequenos. Além da língua, outros costumes acabaram não sendo repassados entre as gerações aos entrevistados. Como analisado, os entrevistados que tiveram contato com os costumes japoneses através dos pais possuem uma maior identificação com a cultura. Pode-se entender como natural esse distanciamento gradual, visto que a perpetuação dos costumes tem como objetivo reforçar os laços que ligam os grupos étnicos à sua terra natal. Com o passar das gerações, entretanto, essa conexão vai, aos poucos, se perdendo. Tal fato já havia sido percebido por Cotrim (2016), quando a autora comparou a imigração japonesa no Peru e no Brasil.

Dentro desse contexto que entram as associações, como as três exploradas neste trabalho. Estas instituições reforçam aspectos que constituem uma comunidade étnica, como a escola, a igreja, e o uso da língua no cotidiano (SEYFERTH, 2000). Embora a existência das entidades esteja relacionada à necessidade de assistência que os imigrantes tinham, com o passar dos anos elas também foram se adaptando às novas realidades. Um ponto importante citado pelos entrevistados foi a participação no evento *undoukai*, promovido anualmente pelo EnkyoSul. De acordo com Gaudioso (2016), esta gincana esportiva surgiu no Japão na era Meiji (primeira metade do século xx) e foi introduzida no Rio Grande do Sul como uma forma de unificar os membros da comunidade japonesa. Aqueles que participaram do *undoukai* relatam que foi durante a infância, reforçando a importância de se manter eventos que agreguem todas as faixas etárias. Por ser um tipo de festividade étnica, cabe notar que alguns entrevistados citaram o ato de comer comidas típicas no evento. De acordo com Morigi, Albuquerque e Massoni (2013, p.7), as festas étnicas populares se amparam em outros costumes, como a culinária, a língua, a música, a dança, entre outros. Além disso, para os autores, estes eventos “são os elos condutores que fortalecem a memória social e auxiliam na construção do sentimento de pertença dos sujeitos e no patrimônio cultural dos grupos sociais”.

Em se tratando de festividades, cabe citar o Festival do Japão RS, também mencionado pela maioria dos entrevistados. Uma das entrevistadas, inclusive, comentou já ter tido o desejo de fazer parte da comissão organizadora do evento. Mesmo que o foco tenha sido a participação no evento em si, e não a participação da Associação Festival do Japão RS, cabe ressaltar a importância desse tipo de evento. Dois entrevistados, dos perfis 1 e 3, ou seja, aqueles com menor predisposição em se engajar das atividades, citaram os espetáculos culturais que acontecem no Festival. Tal fato evidencia a importância deste tipo de evento para despertar interesse pela cultura. Grupos de dança típica, como o *Shinsei*, e de *taikô* (tambores japoneses), também foram citados. A inexistência das festividades pode ser entendida como uma interrupção da memória social e anulação do patrimônio cultural. Porém, é preciso atentar a um ponto que foi comentado pelos

entrevistados. Integrar-se a uma comunidade já constituída, em que todos os membros tendem a conhecer-se, pode ser um passo complexo para quem “vem de fora”. Cabe entender, então, se existem processos, dentro das entidades, de integração de novos membros.

A análise dos respondentes indicou que as três entidades analisadas neste trabalho têm uma importância fundamental na continuidade da herança cultural dos imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul. Conforme exposto, embora as famílias tenham o papel mais importante na transmissão dos costumes, este elo está se perdendo cada vez que a distância entre os primeiros imigrantes e seus descendentes aumenta. Não há, ainda, uma colônia japonesa em Porto Alegre, o que reforçaria a importância da família. A partir da falta de transmissão dos costumes, cabe às entidades e aos grupos sociais criar esse elo entre os descendentes e a cultura japonesa. É importante que as entidades foquem seus esforços às novas gerações, principalmente em relação às crianças. Os descendentes que se sentem distantes da comunidade, mesmo com interesse em estabelecer uma reconexão, já possuem outras ocupações e acabam não priorizando aquelas relacionadas à cultura japonesa. Esse fator, aliado ao fato de conhecerem poucos descendentes de japoneses, acaba os distanciando mais, mesmo contra a sua vontade.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Algumas décadas após a chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Rio Grande do Sul, percebe-se um afastamento de seus descendentes em relação aos costumes e às atividades relacionadas à cultura japonesa. A partir deste problema, o objetivo deste trabalho foi tentar identificar as motivações que os levam a não se engajarem com a cultura japonesa, incluindo a participação nas atividades promovidas tanto pela comunidade quanto pelas associações de Porto Alegre. Especificamente, buscou-se: verificar a existência da transmissão da cultura no âmbito familiar, identificar a proximidade de familiares em atividades da comunidade japonesa, levantar se os descendentes pesquisados sentem necessidade de estarem mais conectados a outros descendentes, e, por fim, compreender o engajamento

da comunidade japonesa de Porto Alegre com as associações existentes. Este trabalho indicou que os fatores que levam descendentes de japoneses a estarem distantes das atividades promovidas pelas associações japonesas de Porto Alegre podem variar conforme o contato que eles tiveram com a cultura, bem como a forma como foram (ou não) integrados à comunidade. Independentemente do grupo étnico, a preservação dos códigos culturais ocorre no âmbito familiar, na comunidade e nas associações culturais. Na família, quanto maior o distanciamento entre as camadas geracionais, menor a preservação dos costumes atrelados à terra natal dos primeiros imigrantes. Gradativamente, então, as novas gerações passam a viver uma dualidade entre a cultura de seus antepassados e de seu contexto atual. É possível, desse modo, que os códigos culturais de determinado grupo social acabem desaparecendo ao longo do tempo ou, no caso de haver atividades em prol de sua preservação, que estes sejam mantidos ou reformulados.

Nesse sentido, as associações culturais, têm um papel crucial. Como analisado, em dois dos três perfis analisados (Perfil 2 e Perfil 3), houve uma transmissão parcial ou nula de costumes japoneses, acarretando na baixa identificação com a cultura japonesa. Um dos perfis (Perfil 2) sinalizou, apesar do distanciamento com a cultura, motivação para buscar uma reconexão. Ainda, conforme a fala de entrevistados do Perfil 3 (sem identificação com a cultura nem motivação à participação), a comunidade parece ser pouco aberta a novos membros. Dessa forma, percebe-se uma desconexão entre a necessidade apontada pelas próprias associações, em relação à busca pelo engajamento, e suas ações efetivas para sanar a questão. Tendo em vista esse contexto, é possível entender que a tendência é que os jovens de fato se tornem mais distantes da cultura japonesa, uma vez que foi observado que não há transmissão de costumes por membros da família. Para as entidades, entretanto, é possível perceber uma oportunidade. Dos 10 entrevistados, metade se demonstrou interessada em retomar o contato com a cultura. Foi identificada, no entanto, uma escassez de atividades de integração que tenham como intuito a criação de laços de amizade entre os membros. Apesar da ascendência em comum ser o pri-

meiro passo para a identificação, deve-se partir do pressuposto que nem todos compartilham dos mesmos códigos culturais. Três entrevistados do Perfil 2 citaram o grupo jovem intitulado Wakai RS, dando a entender o início de uma aproximação efetiva. Como sugestão de próximos passos de análise, sugere-se mapear as dificuldades de associações de outros grupos étnicos, preferencialmente aqueles de Porto Alegre e região metropolitana, para tentar entender se há pontos em comum. Outra análise sugerida é a compreensão das motivações dos descendentes de japoneses atuantes nas atividades promovidas pela comunidade e entidades. É possível que, a partir dessa comparação, sejam gerados *insights* que possam ser usados para engajar membros potenciais, como os identificados no Perfil 2. Entende-se, portanto, que o tema abordado neste trabalho pode ter continuidade através de outras investigações. O uso da abordagem inspirada no *Design Thinking* permitiu a compreensão mais profunda do problema de pesquisa. Contudo, como forma de propor soluções viáveis, se sugere avançar nas etapas da metodologia de Kumar (2013): *Explore Concepts, Frame Solutions e Realize Offerings*. Tais etapas permitirão explorar oportunidades que gerem valor, prototipar, testar com o público-alvo e realizar implementações a fim de sanar o problema levantado neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.
- BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- BRUM NETO, Helena; BEZZ, Méri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e a sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade e Natureza**, v.20, p. 135 - 155, 2008.
- COTRIM, Aline de Sá. Imigração japonesa no Peru e no Brasil: motivações, dificuldade, assimilação. *In*: II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2. 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina. Disponível em: [https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/COTRIM\\_II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf](https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/COTRIM_II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf). Acesso em 24 de abril de 2021.
- GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A trajetória da imigração japonesa no Rio Grande do Sul e a política de reconstrução do Japão após Segunda Guerra Mundial. *In*: XIII Encontro Nacional de História da ANPUH RS - Ensino, Direitos e Democracia, 13. 2016, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos** [...] Santa Cruz do Sul: Associação Nacional de História. Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs>.

org.br/resources/anais/46/1469449125\_ARQUIVO\_ANPUH\_RS2016TomokoKimuraGaudioso.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2020.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês - história de sua vida no Brasil**. T.A. Queros / Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo, 1987.

KUMAR, Vijay. **101 Design Methods: a structured approach for driven innovation in your organization**. New Jersey: John Wiley & Son's, 2013.

MORIGI, Valdir Jose; ALBUQUERQUE, Maria Madalena Zambi de; MASSONI, Luis Fernando. Festas étnicas, memória e patrimônio cultural: informações sobre a oktoberfest nos sites oficiais de divulgação do evento. In: XIV Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação. **ENANCIB**. Florianópolis. Artigo. Florianópolis: N/a, 2013. p. 1-19. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2551/FESTAS%20%C3%89TNICAS.pdf?sequence=1>. Acesso em 24 de abril de 2021.

NINOMIYA, Masato. O centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão. **Revista USP**. N.28, p. 245 - 250, 1995.

SANTOS, Geraldine Alves; DOLL, Johannes; GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A integração cultural do japonês na cultura brasileira: a experiência da colônia de Ivoti. **Cadernos de Pós Graduação em Direito** – PPGDIR/UFRGS, Edição especial Porto Alegre: UFRGS-PPGDIR, v. 1, n. 3, Novembro, 2003.

SEYFERTH, Giralda. A identidade dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**. v.6, n.14, p. 143 - 173, 2000.

SILVA, Márcio Antonio Both. Imigração e imigrantes no Rio Grande do Sul da Primeira República: algumas reflexões sobre o ser colono. **História: Debates e Tendências**, v9, nº 1. 2010

TANAKA, Alice Midori. Imigração e Colonização japonesa no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - edição especial**. Porto Alegre: UFRGS - PPGDir, 2003, p. 37-41.

WEBER, Regina. Estudos Étnicos no Rio Grande do Sul: análise historiográfica. In: HERÉDIA, Vania Beatriz M., RADÜNZ, Roberto (org.). **História e Imigração**. Caxias do Sul, RS: EducS, 2011. p. 269-283. Disponível em: [http://professor.ufrgs.br/reginaweber/files/2011-estudos\\_eticos\\_no\\_rgs-digit.pdf](http://professor.ufrgs.br/reginaweber/files/2011-estudos_eticos_no_rgs-digit.pdf) Acesso em 02/02/2021

#### Como citar este capítulo (ABNT):

SCHWETZ, P. F., TANABE, P. S. Engajamento de descendentes de japoneses na cultura japonesa: uma análise baseada nos métodos de Design Thinking. In: OLIVEIRA, G. G. de; NÚÑEZ, G. J. Z. **Design em Pesquisa – Volume 4**. Porto Alegre: Marcavisual, 2021. cap. 11, p. 212-238. E-book. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>. Acesso em: 5 ago. 2021 (exemplo).

#### Como citar este capítulo (Chicago):

Schwetz, Paulete Fridman, Tanabe, Patricia Sanae. 2021. "Engajamento de descendentes de japoneses na cultura japonesa: uma análise baseada nos métodos de Design Thinking." In *Design em Pesquisa - Volume 4*, edited by Geisa Gaiger de Oliveira and Gustavo Javier Zani Núñez, 212-238. Porto Alegre: Marcavisual. <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>.